



# O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SO' PER ACCIDENS POLITICO

*Hanc sensum modum nostri novere libelli  
Perire personis, dicere de vitiis.*  
Marcial Liv. 10 Epist. 33.

Guardarei nesta folha as regras boas  
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

## A soberania das Senhoras.

A que tempos me não dirijo ao bello sexo! Bem boas tregas lhe tenho dado, do que muitas, segundo me consta, já hião murmurando, e diziaõ. „ O Carapuceiro há huys poucos de N.º, que está sem graça; por que só falla em Politicas, e em cousas tão serias, que parece ter composto Sermões de Quaresma: já não falla da gente, já não toca nas modas, já não se emporta com os gamenhos, &c. &c. „ Não quero pois dar motivo a zangas, não desejo incorrer no desagrado das minhas Illustres Leitoras: e por isso tractarei hoje da Soberania das Senhoras.

Longa, e mui porfiada tem sido em todos os tempos a qüestão da Soberania. Os aduladores dos Reis procuraõ os endeosar, sustentando, que elles recebiaõ todo o poder immediatamente da Divindade, pelo que eraõ absolutamente independentes de seus povos, não havendo caso algum em que estes os devessem depor: os aduladores do po-

vo querem, que este seja a fonte de todos os poderes, e que tudo lhe he permittido; por que não se conhece jurisdição á cima da sua: mas quer em huns, quer em outros parece-me haver verdade, e haver erro. A Soberania he hum direito, e he hum facto: considerada do primeiro modo ella não pode ser, se não huma delegação da Divindade; por que sendo todos os homens iguaes em natureza, quem podia dar a huns poder sobre outros, se não o Supremo Auctor da Sociedade, que quer, que esta subsista, e prospere? Do segundo modo considerada não há duvida, que a Soberania sempre pertenceo, e pertencerá as Nações; para prova do que ahi estaõ os Fastos do genero humano, sem exceptuarmos a mesma Historia do Povo de Deos. Sempre as Nações escolherão os seus Imperantes, sempre mudáraõ de Dinastias, sempre mudáraõ as formas de Governo segundo as necessidades, as conquistas e outras innumeraveis circumstancias: pelo que he



digno de desprezo, ou de rizo o systema de hum tal Abbade Torel, que se propoz a sustentar huma embrulhada de Pais universaes de povos, e que todos os Governos recebem a auctoridade dos Instituidores dos Povos, &c., engrimação, que nem o mesmo auctor pode entender, e estar de boa fé.

Tomada a Soberania como hum direito he, que a Escripura Sagrada diz — *Omnis potestas a Deo*, &c. &c. sem ser preciso recorrer a subtilezas methaphizicas. Mas deixemos esta materia já sedica, e vamos ao meu assumpto, que he a Soberania das Senhoras. Queixão-se estas amargamente da sua sorte por se verem privadas dos direitos politicos, attribuindo isto á injustiça dos homens; por que com que direito (dizem ellas) foraõ excluidas as mulheres de ser Eleitoras, Deputadas, Senadoras, &c. &c. Accaso não fallão ellas, e muito, e por qual quer cousa? Algumas não tem tanta prespicacia, tanta penetração, tanto talento. Quem he capaz de fazer tão delicados, e emaranhados lavarintos, não poderá discutir hum ponto entricado de Direito? Quem urde tão lindas rendas, não saberá formar a teia d'huma cabal-la? Quem he tão destre em arrumar hum bahu, não arranjará hum projecto? Quem se mostra tão intelligente em acalentar, e engolozinar crianças, não servirá para contentar, e embair os povos?

Estas, e outras muitas razões alegão as senhoras em seu favor: mas attendão-me, e veráõ, que ellas de facto são mais bem aquinhoadas, que os homens. He triste sem duvida a condição da mulher entre os selvagens, a ponto de que em alguns paizes quando a mulher dá á luz, o marido he, que se mette na cama, recebe as visitas, &c., e a misera companheira carrega com todo o serviço, e trabalho. Ali os homens são huns madraços, em tanto que as pobres mulheres são reduzidas ao mais

apertado captiveiro. Antes da vinda de Jesu Christo, antes que o Evangelho derramasse a sua luz regeneradora pelas Nações, que jaziaõ nas sombras da morte, o que eraõ as mulheres, ainda entre os povos mais cultos da Europa? Entre os Gregos os maiores Philosophos diziaõ, que a mulher era mero instrumento de prazer, meio de perpetuar a população, e nada mais. Aristoteles tracta-as com o ultimo desprezo, e chega a louvar a Hesiodo por haver dicto, que a primeira familia foi composta „ *da mulher, e do boi; animaes proprios para a lavoura*. Plataõ só as tinha por aptas para a concupiscencia, para a propagação da especie, e por isso em sua Republica estabeleceo a comunidade dellas. Sotocles, e Antisthenes, como poetas, encheraõ-as dos mais despreziveis apodos.

Quem ignora o que eraõ as mulheres entre os Romanos? Basta dizer, que por algum tempo as leis as consideráraõ cousas, e não pessoas, de maneira que qual quer sujeito, quando enumerava os seus bens, dizia: tenho, por ex. tantas casas, tantos bois, tantos porcos, tantas galinhas, e tantas mulheres (forte desaforo!) Mas depois que o Verbo increado dignou-se d'encarnar no ventre purissimo de Maria, parece, que regenerou a mulher, que a tirou da ignominia, e lhe restituiu os perdidos toros. Ainda mais este titulo tem as mulheres para serem Christãs, e nem de balde a Santa Igreja lhe chama *o devoto sexo feminino*.

Com o Christianismo libertaraõ-se as senhoras, e o seculo da Cavallaria chegou a endoesallas. As Historias estão cheias das finezas, que se faziaõ ao bello sexo. De huns para outros Reinos divagavaõ innumerados Queixotes desagravando injurias, provocando desafios em defeza da formosura da sua dama, que alguns ás vezes nunca viraõ, nem conhecêraõ: nas justas, e torneios eraõ as senhoras, que distribuiã a



gloria, e offender a huma Senhora era crime capital no codigo da Cavallaria andante. Os Trovadores invidavaõ todos os esforços da Musa por elogiar as suas amadas. Para amostra do pano bastaõ as seguintes estrofes, huma da Canção de Egas Moniz Coelho despedindo-se de D. Violante, Dama d'honor da Rainha D. Mafalda.

„ Fincaredes vos em bora  
 Tam coitada,  
 Que ei boyne por ahi fora  
 De longada.  
 Sai-se o vulto de mei corpo  
 Mas ei non,  
 Cá ós cocos vos fica morto  
 O' coraçom....  
 Se me vos a mi leixardes,  
 Deis me garde,  
 Non as meys vos de queimardes  
 Lito que arde.  
 Hora non leixedes non  
 Cá sois garrida,  
 E se non Cristeleison  
 Per minha vida.

No Reinado de D. Sancho 1.º pelos annos de 1211 Gonçalo Hermiguez assim galanteava a sua esposa Ourana

„ Tinhe rabos, non tinhe rabos  
 Tal a tal ca mont?   
 Tinharedesme, non tinharedesme,  
 De lá vinharedes, de ca filharedes,  
 Cá amabia tudo em soma.  
 „ Per mil goyvos trebelhando  
 Oy oy vos lombrego  
 Algrem se cada folgança  
 Ayme eu: per que do terreno  
 Non há hi tal percheço. „  
 Outana, Ourana oytem per certo  
 Queinha vida do viver,, &c.

Bons tempos! Hoje mal percebemos o sentido d'huma, ou d'outra palayra destas trovas; mas elles, e ellas lá se entendiaõ muito bem, e talvez fossem amantes mais derretidos, do que os

nossos d'hoje, que amaõ por equações por calculo integral, e differencial.

Que importa, que as sen horas não governem a Republica, se governaõ os corações dos homens? Que importa, não mandem ostensivamente, se o seu imperio, se a sua soberania estaõ assentados na vontade dos que administraõ o Estado? Ah! quantos, e quam importantes negocios não são decedidos pelo *sic volo, sic jubeo* de huma beldade, que não admite replica! Quantas sedutoras Lais, quantas Aspazias, e Phrynes não tem despachado Embaixadores, Ministros, Governadores, Generaes, e até Bispos! Quantas tenças, quantas pensões cahiriaõ no Corpo Legislativo, se não fora o serem apadriñadas por taes, e taes Senhoras, a quem hum pobre Legislador não pode resistir, por maiores que sejaõ as suas fumaradas de Catonismo.

Os Representantes da Nação e os Agentes do Poder Executivo, ou são casados, ou solteiros, ou Padres. Se são casados, muitas vezes se veem na dura necessidade de ceder a os rogos labiosos das esposas em favor deste, ou d'aquelle negocio, deste, ou d'aquelle afilhado sôb pena de jejuns, e outras mortificações, que devem affligir muito: se são solteiros, muitas vezes são gamenhos profissionaes, damejaõ, e requiebraõ a esta, ou aquella Ninfa, e hum aseno da vontade desta he huma lei para o pobre padecente, que não está para soffrer hum redondo desengano, ou o vendaval defeito d'huns arrufos, que ás vezes tiraõ couro, e cabello. Se são finalmente Padres, tem de ceder á rogativa de huma mãi, d'huma irmã; e se são mais *maridos* de coração, lá apparece certa *afilhada*, ou *comadre* certa, cujos pedidos são para os bons Ministros do Senhor Alvarás com força de Lei.

Em verdade quem há de animo tão diamantino, que possa resistir a os reiterados pedidos d'huma senhora, cheia d'encantos, e ternuras? Como ha de



hum Deputado mais namorado, que o Macias, que Petrarca, ou João Xavier de Matos dar hum *não* escabroso a hũa yáyzinha, por quem o misero peccante se desvive, e que lhe pede tão meigamente o seu voto em favor desta, ou d'aquella pretensão? E advirta-se, que as senhoras ordinariamente quando pedem, não admittem desculpas, não estão por argumentos, não querem saber de razões: hão de ser servidas para logo, ou do contrario agastão-se, e não há evasão, que as acomode. Isto he, que he soberania irresistivel!

São innumeraveis os negocios publicos, que sendo de dia tractados em os Tribunaes, Repartições, e Assembleas, vem a ter o seu *ultimatum* á noite no doce remanso das familias. As esposas entraõ a contas com os esposos; e taes cousas lhes dizem, de taes artimanhas se servem, que os homens embrandecem como a cera, e ellas levaõ ao cabo as suas pretensões. O que ha de fazer hum Presidente, hum Dezem-bargador, hum Juiz de Direito, hum Chefe de qualquer Repartição, se quem lhe pede o despacho, o provimento, a informação, a sentença he D. Mariquinhas, D. Felicina, D. Chiquinha, D. Felismina, D. Clarinha, D. Aninha, &c. &c., e com hum ar tão carinhoso, que põe tudo doido?

Huma mulher ( a Sra. Helena ) foi causa da famola guerra de Troia, que durou bons dez annos, e poz em campo os maiores valentões do seu tempo, como fossem; Agamemnon, o velho Nestor, Ulysses, Ajax, Diomedes, Achilles, &c. para vingarem a honra do basbaque Menelao. O Scisma da Inglaterra, que a separou da communhão Catholica, teve a sua origem na cega paixão do Rei Hensique 8.<sup>o</sup> pela celebre Anna Bolena; finalmente a ligga da perna de huma dama Ingleza, que a descuido lhe cahio, foi apanhada pelo Rei, que a poz em sua farda, dizendo o celebre distico para tapar a boc-

ca a murmuradores -- *Hony soit qui mal-y pense* — inflamado seja quem misto pensar mal: e o mais he, que tal foi a origem da celebre, e mui honorifica ordem da Jarreteira. Quem ignora o que fez D. Pedro pela sua D. Ignez de Castro, a ponto de por ella armar-se contra ElRei seu pai, e pôr todo o Reino em combustão?

Por toda a parte se observa a soberania das Senhoras. Em qual quer adjunto, n'hum companhia, n'hum Baile todas as atenções, todas as finezas a ellas se dirigem, e até não falta Figuraõ, que se daria por honrado, e mui feliz, se obtivesse o privilegio de ir calçar a Sra. D. F., a quem arrebatará os delicados sapatinhos no exercicio das quadrilhas. Já não fallo das muitas senhoras, que governão os maridos, e os trazem de baixo do freio, e algumas até lhes v. o as ventas para seu ensino. Concluirei dizendo, que nas Senhoras ( consideradas em geral ) dá-se bastante porção de Soberania de facto, com quanto não a exerceção de direito.

## VARIEDADE:

*Copia fiel de huns Banhos, que forão apre-goados em certa Igreja do interior.*

Com o favor de Deos, e por amor das más lingos querem cazarem na facia da Igreja os dous suplicantes oradores macho, e femia, que já andayão desencaminhados Cosme da pinguella, e Tereza da mata, que os cujos são filhos de Joanna sem marido, e do Sargento Guierme cotó com sua mulher defunta, que morreu de parto Maria do Rozario, todos elles, e ellas patriocas constituçãõ desta Freguezia: e quem souber de alguma indromina, que chama-se impedimento de fazer mal a outra mulher, que estava prefei a, como sua mã, que a pario, venha renunciar ao nosso Reverendo Vigario sobre pena de excomunhão danada, como manda o Sagrado Concilio trepentino versos, folha.